

mojo
BOOKS



**O palhaço do
circo sem futuro**
Cordel do fogo encantado

recontado por Eduardo Costa Madeira

Alguns discos não necessitam de palavra alguma para defini-los. Imagine então alguém se atrever a não só defini-los, mas também criar um enredo sobre a magia que os discos possuem. Essa é a proposta da **MOJO Books**, que acredita que bons discos, boa música, podem render mais do que aqueles doces acordes que penetram na mente; podem se transformar num trabalho literário que brinque com todos os segredos escondidos nas escalas e nas letras.

Mojo working. Escritores oriundos dos mais diferentes lugares, com influências e estilos únicos, aceitaram esta árdua tarefa: escolher um disco e vertê-lo para a mais pura literatura contemporânea.

Danilo Corci
organizador

Cordel do Fogo Encantado
O PALHAÇO DO CIRCO SEM FUTURO
recontado por
EDUARDO COSTA MADEIRA

OUTUBRO DE 2008
VOLUME 7B

MOJO
BOOKS

Cordel do Fogo Encantado
O PALHAÇO DO CIRCO SEM FUTURO
recontado por
EDUARDO COSTA MADEIRA

EDIÇÃO: **DANILO CORCI E RICARDO GIASSETTI**
PROJETO GRÁFICO: **DELFIN**
REVISÃO: **DANILO CORCI**
CAPA DESTA EDIÇÃO: **JEFF COSTA**



PLAYLIST ORIGINAL DO ÁLBUM

1. Os anjos caídos
2. A construção do caos
3. Nossa Senhora da Paz
4. Na veia
5. A árvore dos encantados
6. O palhaço do circo sem futuro
7. Devastação da calma
8. Tempestade
9. Quando o sono não chegar
10. Dos três mal-amados
11. A matadeira
12. Cavaleiros do fogo da origem
13. Britadeira
14. Jetir Xenupre Juacrêgo
15. O espetáculo
16. Vou saquear a tua feira
17. O fim do segundo ato

CORDEL DO FOGO ENCANTADO O PALHAÇO DO CIRCO SEM FUTURO

LANÇAMENTO: **2002**
SELO: **INDEPENDENTE**



O PALHAÇO DO CIRCO SEM FUTURO

Os olhos tristes contemplavam a visão cotidiana do centro da cidade. Prédios que esbanjam glamour, carros barulhentos e pessoas, muitas pessoas. Fechou os olhos e chorou, prometendo a si mesmo que aquela seria a última vez. As lágrimas dissipavam-se antes de tocar o chão. Bom seria se também pudessem calar para a sempre as lágrimas que partiam não de seus olhos, mas sim de seu coração.

Aquele mundo precisava dele e já estava farto de ser um escravo desse mundo. Todo dia é um novo dia para aquele velho homem vestir sua armadura, enterrar seus sonhos e aspirações ocultas, que sempre pareceram bestas aos olhos da sociedade à sua volta, e mostrar a aquilo que as pessoas querem ver.

A grande ponte da cidade era alta. Alta o suficiente para aquele velho homem livrar-se das amarras do sistema vigente. A morte era o único meio. Mãos trêmulas, cessaram-se as lágrimas e logo cessaria também a dor. Ouvia agora um doce canto. Provavelmente a lucidez tomara conta da sua mente agora, era só isso. O canto foi se tornando mais consistente, já conseguia distinguir algumas palavras. Mais uma vez ignorou e tornou a manter o foco no desejo suicida.

Mas aquela canção poética fez com que ele se lembrasse de toda sua vida, tudo que abandonara pra estar na posição que estava hoje – tolice. O devaneio nostálgico desintegrou-se totalmente quando ele percebeu que aquilo era real. Virou-se. De onde vinha aquela suave melodia? Nem o alto som das buzinas o fez dispersar daquele som, de tão compenetrado que estava. Foi seguindo a melodia, aquilo parecia tão mágico. Atravessou a rua sem dar a mínima pros berros e ofensas dos motoristas obrigados a frear bruscamente. O som ia ficando mais alto. As pessoas ao redor pareciam estranhar a fisionomia daquele velho. Um semblante ainda triste abafava uma alegria iminente que ainda existia e agora fora despertada por aquela canção.

Avistou um jovem rapaz, ali na calçada. Olhos vagos, pele morena e cabelos bagunçados e negros como a noite que consumia os homens. Seus lábios entoavam poesia, seus braços representavam verso e prosa com perfeita sincronia.

O velho nunca vira nada igual, não sabia dizer se aquilo era um recital ou uma apresentação teatral. A cara do rapaz estava pintada, usava um nariz de palhaço. Todas as pessoas passavam e nunca notavam aquilo. Mas o velho ficou encantado. Nada mais era importante além daquilo, era lindo. Àquela altura já esquecera até seu próprio nome. Sem nem pensar duas vezes, depositou uma enorme quantia em dinheiro na caixinha próxima ao rapaz. Era tudo que tinha na carteira. Dane-se, o garoto era demais. Cantava

algo mais ou menos assim:

*“Mais um risco na parede
Mais um tenebroso dia se passou*

*A solidão é um quarto vazio
Um quarto vazio e úmido
Jogada aos prantos da monotonia*

*O lugar abriga uma janela
A extensão de uma visão contrastável
Duas distinções em contraponto*

*Ao chão eu vejo um rio
Cujas águas são vermelhas
Ao céu eu vejo um sonho
Ao qual podemos caminhar no algodão
Oh grande pássaro de metal
Peço-lhe com carinho e desespero
No clima perfeito
Leve-me pra longe daqui
O encanto da brisa sentir*

Tua estrutura alada seguir

Pois...

Nunca mais quero retornar

Ao lugar que impregnada nas trevas

Me fez privar o acreditar

Onde gritos e sussurros me diziam

Que o mundo não é exatamente aquilo

Aquilo que tanto queriam”

Ao fim desta, o garoto partiu de encontro ao velho e o agradeceu gentilmente, ao que foi retribuído com um leve sorriso sem jeito.

— Você é muito bom. Adorei o seu espetáculo. Qual o nome dessa última música?

— Na verdade é um poema, meu senhor. Chama-se “A janela e a menina”.

— Nunca ouvi falar dele. Quem é o autor?

— Valentin Rocha.

— Desconheço mais ainda o autor. De onde ele é?

— Daqui mesmo, eu sou o Valentin.

O homem surpreendeu-se de imediato. Primeiro pelo nome, lhe era

familiar. E aquele garoto, o poema... Era de sua autoria?

— Está falando sério?

— Sim, meu senhor. Eu ainda guardo comigo os esboços. Esse poema retrata a vida de uma menina judia na Segunda Grande Guerra. Ela sonhava em voar naqueles lindos aviões que contemplava da janela do quarto de um campo de concentração. Ela acreditava que eles o levariam pra longe daquele terror todo. Mas os versos também se aplicam a muitas pessoas da nossa sociedade atual que se mantêm impregnadas das aspirações de terceiros ao invés de seguirem seus próprios almejos.

— Incrível. — Foi tudo que o homem conseguiu pronunciar escutar aquilo. — Você tem outros poemas transformados em canções?

— Tenho sim.

— Canta pra mim.

— Tudo bem. Esse se chama “Arte”.

“A arte é um castelo

Um castelo governado por um ilustre rei

Um ilustre sentimento

Chama-se cultura, e graças à ela me revigorei

Toca a minha alma

Abate o sofrimento de grinalda

*Conforto que me leva à paz
Tornando-me o extremo sagaz*

*Revoguei os meus direitos
Impregnei meus ocultos anseios
Tudo devo à minha grande paixão
Tudo dedico à arte que me deu chão”*

O homem não sabia o motivo, mas sentiu uma vontade imensa de abraçar o garoto. Ele era exatamente o oposto do que ele sempre foi. Aquela figura mágica do poeta ingênuo um dia também já o pertenceu. Mas ninguém nunca botara crédito no seu verdadeiro dom. Sempre fora mimado e especialmente preparado para se tornar a pessoa rica e mesquinha que era hoje. Abandonou os cadernos e o lápis, seu coração, para dar lugar aos ternos e às pastas, sua máscara.

E então choveu. Já não havia mais ninguém na rua. Somente o velho e novo. O homem só ouviu o garoto dizer “eu vou ser escritor” antes de cair numa escuridão completa.

— Hã? — Murmurou

— É só assinar aqui senhor, por favor.

O que era aquilo? Onde estava? Que pessoas eram aque... Espera um pouco. Valentin já havia vivido aquilo. Foi o dia em que ele desistiu de vez da Arte. Estava assinando contrato com uma das maiores empresas do país. Mas aquilo já havia acontecido, ele já era velho e rico, e aquele dia, o garoto... O garoto! Mas o que é isso? Eu voltei pro passado? Ou será que vi o futuro? A vida resolveu me dar uma chance de ser feliz? Eu sou o Valentin!

— Senhor, por favor... Não temos o dia inteiro. Assine aqui.

— Não.

— Não? Como assim? Você será um dos maiores executivos desse país! Por acaso não se sente preparado é? Vamos... Assine.

— Não. Eu vou ser escritor. – E saiu sem dizer mais nada, deixando todos aqueles empresários metidos a besta estáticos, sentados nas respectivas cadeiras sem entender o que se passava na cabeça de Valentin.

Valentin foi caminhando até a praça, sorriso estampado na cara. Ergueu as mãos aos céus e disse:

— Muito obrigado, meu Deus. Manifestastes tua obra pra mim e agora estou certo do que fazer. Tu és, assim como eu, um Artista, um verdadeiro poeta. Aquele menino refletiu pra mim o que todos somos, somos palhaços de um circo sem futuro algum. Somos palhaços de um circo chamado

Mundo. E cada um tem dentro de si uma platéia chamada coração, que vibra a cada sonho nosso. Minha platéia pede um poeta, um feitor de Arte. E é isso que darei a ela. A chuva nunca pára de cantar, o menino dentro de mim nunca pára de cantar, o menino dentro de mim nunca pára de crescer e aprender. O menino dentro de mim nunca deixará de ser aquele pequeno palhaço.

E então choveu.



mojo
BOOKS

www.mojobooks.com.br